Folhas cahidas, apanhadas na lama por um antigo juiz das almas de Campanhan

Camilo Castelo Branco

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

Folhas cahidas, apanhadas na lama por um antigo juiz das almas de Campanhan

Camilo Castelo Branco

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Pedro Saborano (produced from scanned images of public domain material from Google Book Search)

FOLHAS CAHIDAS,

APANHADAS NA LAMA,

POR

UM ANTIGO JUIZ DAS ALMAS DE CAMPANHAN,

E

SÓCIO ACTUAL DA ASSEMBLEA PORTUENSE,

COM EXERCICIO NO _Palheiro_.

OBRA DE QUATRO VINTENS,

E DE MUITA INSTRUCÇÃO,

PORTO:

TYPOGRAPHIA DE F. G. DA FONSECA,

Rua das Hortas n.º 152 e 153.

1854.

EU.

Saibam todos quantos virem
Este publico instrumento,
Que surgiu mais um poeta
Nos aloques do talento.
Não pertenço á mocidade,
Que fechou sem caridade
Da velhice a pobre tumba.
Não sei palavras d'estouro,
Nem descanto em lyra d'ouro:
Minha lyra é um zabumba.

Eu, sou eu. Juiz das Almas,
Nos bons tempos, que lá vão,
Conheci que tinha uma
Como poucas almas são...
Campanhan! terra dos saveis!
Que doçuras inefaveis
Tens nos teus prados amenos!
Ai! Maria da Cancella!...
Cada vez que fallo n'ella,
Sou Petrarcha... em fralda, ao menos!

Dai logar á catarata
D'uma lagrima que rola
Pelas faces, como orvalho
A aljofrar uma papôla,

Respeitai a desynth'ria
Desta enferma poesia,
Que resiste á Revalenta!
Braz Tisana, esse que diga,
Em que estado anda a barriga
Da Musa, nos seus outenta!

Deixai que um velho recorde
Aureos sonhos infantis!..
Campanhan, mansão das fadas
Onde estão tuas houris?
Ledas brisas que brincaveis
Entre as pestanas dos saveis,
Lindos saveis de coral!
Onde estaes, em que paues
Murmuraes, auras tafues,
Vosso hymno angelical!

Raios palidos da lua
Alta noute, em ceo d'anil,
Já não são os que argentavam
Estes lagos de esmeril!
Nem é este o pulcro savel
Que me deu sorriso afavel
D'entre os verdes salgueiraes!
Nem aqui meu peito anceia
Os carinhos da lampreia
(E outras asneiras que taes).

Quando eu era o mago enlevo

Das fadas de Campanhan,
Apanhava a borboleta,
Que doudejava louçan.
E, por tardes d'almo estio,
Lá nas margens do meu rio
Vi delicias de encantar....
--Pyrilampos, suspirando,
Qual Camoens suspira arfando
Os estos do seu penar.

Ai! trovas da minha aldeia,
Que saudades me doeis!
Doçuras da minha vida,
Quando eu cantava os reis!
Viola d'Antonio Pinto,
Onde estás, que inda cá sinto
O gemer dos teus bordoens!
Minhas chinelas côr d'ovo,
E meu par de sócos novo,
Tão rico d'inspiraçoens!

Lá vai tudo! E minha alma
Erma, esteril, sinto aqui....
Como o lyrio enruga o calix
A fronte calva pendi!
Poeta da lyra amarga,
Vérgo ao peso desta carga
De descrença e maldição!
Lacerado em meu orgulho,

Quero o sangue, o serrabulho
Desta infame geração!

E, depois que a minha lousa
Parta d'um raio a centelha,
Hão-de ouvir ranger meus ossos
Como carruagem velha.
E a mortalha ensanguentada
Como a tunica manchada
Do Cesar de Campanhan,
Ha-de ser mostrada ao povo,
Ha-de ouvir-se um grito novo
Nas praias do Gengis-kan!

AOS BAROENS.

Amigos! sinceridade!
Não sejamos todos tolos;
Deixai vêr os vossos rôlos
        De brasoens.
Ninguem disse ainda ao certo
Onde vão, donde vieram
        Os baroens.

Dizem velhos alfarrabios
Que os baroens da idade d'ouro
Davam tapona de mouro,
        Fanfarroens!
Nesse tempo eram _crusados_,

Hoje fogem dos _cruseiros_,
Os baroens.

Os de então na Palestina
Eram rijos e potentes;
Mas os d'hoje são valentes
Nos certoens.
Quem domina as vastas tribus
Dessas plagas africanas?
Os baroens.

Quem envia, mar em fora,
As esquadras dos _Trajanos_,
D'archejantes e ufanos
Galeoens?
Quem envia _Guerra_ aos barbaros,
E lhe algema os pulsos livres?
Os baroens.

Digam lá o que disserem
Contra os _crusados_ da moda,
Sois os grandes deste reino,
Meus baroens!.. sabeil-a toda!

«Carne humana!! escravaria!!!
Crime atroz!!!!» são palavroens.
Chia a imprensa? ha-de calar-se...
Sabeil-a toda, baroens!

Vossos pais quando vieram
De Figueiró para aqui,

Quem diria... vendo vil-os
Como eu chegal-os vi!..

Era assim: via-se um mono
De jaqueta de cotim,
E calças de estopa grossa
E pernas côr do carmim.

Trazia sócos ferrados,
Em que pés!.. Deus nos accuda!..
Lenço vermelho amarrado
Na cabeça ponteaguda.

Vosso avô vinha com elle,
E gemia derreado
Sob um saco de batatas
Do patrão mimo adorado.

Vossa avó, de pé descalço,
Traz canastra com toucinho,
Pão de broa corpulenta,
Borracha de verde vinho.

Inda hontem eu vi isto!..
E vossês sus patuscoens,
Devem espantar-se comigo
De serem hoje baroens!

Querem de graça um conselho?
Não fallem, que faz tristeza,
Vêr o raso da toleima

A que desceu a nobreza!

Burros ficam sempre burros,
Embora tragam selim,
Cravado de diamantes
E estofado de setim.

O brilhar dessas commendas
Não vos muda a condição.
O instincto vos arrasta
Para o covado e balcão.

HYMNO

AO HECKER SALOIO.

Senhor Fontes Pereira de Mello,
Que sois Pitt, e _pitada_ tambem,
Já que tudo metteis n'um chinelo
A cantar-vos a banza aqui vem!

Senhor Fontes! Sois de Lysia
O que ninguem inda foi!
Quem dissera que tão perto
D'um Sangrado existe um heroi!

Longo tempo o cultor da batata,
Senhor Pitt, por vós suspirou.
As abob'ras meninas murcharam,
E a mesquinha cebola grelou!

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com